

Decolonizar o saber:

a construção do espírito de nação e o processo de colonização das Américas à luz da teoria de Rodolfo Kusch

Ricardo Francelino da Silva

Como citar: SILVA, R. F. Decolonizar o saber: a construção do espírito de nação e o processo de colonização das Américas à luz da teoria de Rodolfo Kusch. *In:* CARVALHO, A. B. (org.). **Educação, ética, interculturalidade e saberes decoloniais**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 273-292 DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-212-3.p273-292>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Decolonizar o Saber: a construção do espírito de nação e o processo de colonização das américas à luz da teoria de Rodolfo Kusch

Ricardo Francelino da SILVA⁷⁵

Introdução

O processo de construção de Nação, ou do espírito de Nação foi atravessado por variados motes éticos, estéticos, políticos e sociais. A palavra Nação nos remete a pertencimento, àquilo que nos torna nós e não apenas eu, ao fator ou fatores que permitem a um determinado povo, em um momento específico de sua história se unir em torno de um ideal ou de ideais compartilhados e dignos de se preservar. A história registrou momentos em que pequenas aldeias e vilas se uniram e formaram nações que alteraram a história da humanidade, mas vimos também a divisão de povos que, mesmo possuindo inúmeras contingências para se unirem, permaneceram separados e foram aniquilados.

Na conquista da América não foi diferente pois, as divergências políticas e culturais, o combate interno e mesmo as próprias crenças religiosas, possibilitaram a entrada do colonizador em terras Incas, Astecas,

⁷⁵ Doutorando em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Campus de Marília. Mestre em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Campus de Assis. E-mail: ricardo.francelino@unesp.br

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-212-3.p273-292>

Maias, terras Tupis e Guaranis, entre outras. A forma de agir do invasor procurou explorar as divergências internas existentes entre os próprios povos da terra para subjugar e expropriar as riquezas aqui presentes. Não fora a superioridade bélica ou destreza marcial que possibilitou ao invasor europeu lograr êxito em sua empreitada, mas sim, o acirramento das divergências políticas e sociais existentes entre os próprios povos aqui presentes.

Como nos afirma Todorov (1991), a superioridade em umérica e conhecimento da terra, dariam vantagem insuperável ao nativo, mas a vileza e a inescrupulosidade dos aventureiros mercantilistas lhes permitiram enganar por tempo suficiente os povos nativos desse continente, suficiente para que as doenças trazidas pelo europeu, para as quais os cidadãos daqui não possuíam imunidade, dizimassem quase 1/5 do novo mundo do século XVI. Todorov (1991) estimou que habitaram o continente cerca de 80 milhões de pessoas, cerca de ¼ da população mundial estimada para o período em cerca de 400 milhões.

O processo de aviltamento praticado pelo invasor europeu necessitou de tempo e orquestração para seu sucesso. A construção da ideia de inferioridade, de subdesenvolvimento, propagadas pelo colonizador espanhol e português fez parte do processo de criação de uma superestrutura ideológica. A invasão das novas terras não seria, senão, um ato de bondade, conduzido pelos céus, para civilizar e propagar o reino de Deus aos perdidos. Vimos que, ao longo da história da humanidade, as justificativas religiosas e civilizatórias foram empregadas em inúmeras situações.

De todas as mazelas que o nativo americano teve de enfrentar, nenhuma foi tão dura quanto às doenças trazidas pelo invasor. Até para picada de cobra existiam intervenções da medicina natural indígena, contudo, existiu um veneno muito mais eficaz, e para esse ainda não havia

anticorpos, o homem branco europeu. Conta-nos Tzvetan Todorov, (1991), que milhões de pessoas foram mortas por doenças trazidas pelo colonizador. Mais que as guerras e a escravidão imposta a diversos povos ameríndios, as doenças trazidas pelo estrangeiro devastaram as populações das Américas.

As civilizações nativas, consideradas primitivas e inferiores pelos invasores europeus, demonstraram grau de desenvolvimento e técnica surpreendente. Aprenderam a cultivar inúmeras plantas desconhecidas no restante do mundo. O milho cultivado no Peru, Bolívia e principalmente México, possuía variedade de espécies e diversificadas formas de processamento. Estudos arqueológicos dataram amostras de milho encontradas em abrigos rochosos na região originalmente habitada pelos Zapotecas, Vale de Oaxaca, de 4.500 a.C., o que dataria as amostras dessa região ao surgimento da escrita cuneiforme pelos sumérios antigos. Amostras de feijão e abóbora encontradas nesta região datam de cerca de 10.000 mil anos atrás, o que comprova que o homem pré-histórico Zapoteca já fazia uso desses alimentos (FLANNERY,⁷⁶ 1985). Batata, mandioca, tomate, cacau, feijão eram cultivados pelos mais variados grupos étnicos presentes no continente invadido. Os Incas desenvolveram técnicas de plantio em regiões montanhosas que revolucionaram a agricultura no mundo. Até a descoberta dos terraços Incas, a agricultura era realizada em planícies. Os Maias possuíam um sistema em umérico vigesimal desenvolvido, conhecimentos de matemática, engenharia e astronomia que intrigaram os colonizadores. Tenochtitlán, capital Asteca do período das invasões, possuía tamanha grandiosidade em sua estrutura

⁷⁶ Prehistory and Human Ecology of the Valley of Oaxaca, Mexico – Estudo dirigido por Kent Vaughn Flannery, em cooperação com demais colegas da Universidade de Michigan, entre 1966 a 1980.

e organização, tamanho e importância que fora comparada a Constantinopla e Roma pelos invasores.

Não sabemos de fato o quão assertivo poderia ser a manutenção dos termos e definições arbitradas para os povos que aqui estavam. Expressões como o “novo mundo”, “América”, “Índios”, “Colonizador”, não refletem o que de fato foi e, é o continente em questão, o que hoje conhecemos como América, ou continente americano.

Os povos que aqui habitavam a terra na chegada dos europeus, aqui já estavam há milênios, para ser mais exato há quase 30 mil anos, como demonstram pesquisas em arqueologia (CLASTRES, 2004, p. 65). Existem registros de que os maias iniciaram o processo de unificação a mais de dois mil anos.

O processo de aculturação e de negação do outro posto em prática pelos invasores europeus alicerçou-se sobre a ideia de inferioridade dos povos do novo continente. Esta ideia faz parte de um processo maior e intencional denunciado por Marx (1989) na formação da superestrutura ideológica e política que dá sustentáculo ao capital para expropriar e subjugar o homem. Nesse quesito, István Mészáros (2011) nos adverte que a superestrutura de organização e conduta social, dos mecanismos coercitivos do Estado, opera como mecanismo de controle um “usurpador a serviço dos usurpadores da riqueza social” (p. 99). No caso específico da invasão do recém-descoberto continente, inferiorizar o outro é condição necessária para a imposição de uma cultura, uma forma de organização social (mercantilista), uma religião que libertaria os incautos do obscurantismo. Em outros momentos da história o processo de dominação ocorre em nome do desenvolvimento, para o qual os povos subjugados nunca puderam participar. A história é contada, salvo exceções raras, pelos vencedores e sempre pelo ponto de vista de quem detém os meios de comunicação e veiculação da informação. Existe um provérbio

moçambicano que diz: “até que os leões tenham os seus próprios historiadores, as histórias da caça continuarão glorificando o caçador”.

O movimento de desconstrução desse processo de aculturação e de expropriação da cultura dos povos subjugados perpassa pela necessidade de reescrita da história, mas não por aqueles que venceram, mas sim pelos atores que foram privados de voz e de expressão em nome do desenvolvimento. Qualquer produção é crivada pelos agentes sociais que patrocinam os meios de realização. Frei Bartolomeu de Las Casas⁷⁷ e outros escritores do período colonial registraram algumas das atrocidades realizadas em nome da “descoberta do novo mundo”, contudo, toda e qualquer produção não está isenta das relações sociais, políticas e materiais que permitam sua realização. O processo de conquista refletiu o movimento realizado para criar uma realidade paralela que permitiu a negação da cultura do outro, vista como inferior e, apregooou o chamado desenvolvimento. Contra esse processo, as considerações de Rodolfo Kusch (1922-1979), contribuem de maneira fecunda para o acirramento do debate e conseqüente processo de desconstrução histórico-cultural, chamado por Kusch de-colonialismo para, a partir desse movimento, direcionarmos para o centro das pesquisas, as riquezas técnicas, científicas e culturais produzidas pelas civilizações pré-colombianas.

A construção do espírito de nação e da identidade nacional

Uma pergunta intrigante de Aristóteles que moveu pesquisadores ao longo da história foi: qual o fim de todas as coisas? O que, de fato, seria necessário para o homem ser feliz, pleno, satisfeito e realizado? Atingir o

⁷⁷ LAS CASAS, F. B. *O paraíso destruído: a sangrenta história da conquista da América Espanhola*. Tradução de Heraldo Barbuy. Porto Alegre. L&PM. 2011. p.176

estado eudaimônico? Nas Américas, divindades, crenças e valores antigos foram suplantados em nome de um desenvolvimento que, de fato, buscou preparar o “novo mundo” para a expropriação.

A desconstrução de valores, processo paulatino de desprezo pela cultura notadamente americana, foi a caminho adotado para impor a lógica do capitalismo mercantil, aprisionar e expropriar o Asteca, o Inca, o Maia, o Tupi o Guarani, etc., de suas posses, de seus valores, de suas crenças, de sua alma. O processo de desmistificação denunciado por Adorno e Horkheimer (1985) em *Dialética do Esclarecimento*, ganha uma nova versão no caso americano, não a substituição dos mitos pela explicação racional das coisas, mas sim, a substituição de um mito por outros mais eficazes no processo de dominação do nativo (catolicismo romano). Nietzsche (2010a) criticou severamente a moral judaico-cristã que aprisionou a alma humana e alicerçou os discursos de dominação. No caso das Américas, ganha destaque o processo de catequese jesuítica em um primeiro momento e, de outros agentes missionários em um segundo período, que trabalharam na negação completa da cosmologia ameríndia. Mas podemos nos perguntar, o que é ser americano? Ou melhor, o que é ser nativo americano? O que é ser cidadão desse continente saqueado e nomeado de América?

As civilizações ameríndias foram dizimadas, sua cultura ultrajada e destruída, seus valores subjugados em nome de um desenvolvimento que, na prática, escravizou e empobreceu, em todos os aspectos possíveis, as populações. Como romper com essa superestrutura construída para a manutenção da riqueza alheia? O sistema capitalista demanda a acumulação de riquezas e a exploração do ser humano. Contudo, qual a ligação da cultura ameríndia, que se construiu pelas relações familiares, tribais muito mais próximas de uma filosofia africana que de fato de uma

filosofia universal? Poderia *Ubuntu*⁷⁸ representar o que existiu com mais intensidade no passado e ainda hoje subsiste, ou melhor, resiste de uma cultura tipicamente ameríndia?

Existem no campo de batalha e de resistência embates políticos e ideológicos muito fortes e arraigados no imaginário social das populações mestiças. Os arrendatários de impostos que aqui se estabeleceram cooperam para a manutenção dos *status quo* adquirido e continuam a propagar os valores dos antigos colonos como forma de manutenção do sistema.

O “sistema” é forte e eficaz, dispõe de inúmeros instrumentos de convencimento que nos impele ao inconversível, ou melhor, nos convence do que até então, tínhamos como impossível, que se torna possível por vermos, ouvirmos e sentirmos, em um uníssono social, a repetição da fábula. O poder da superestrutura de criar realidades é quase inacreditável. O impossível torna-se realidade, realidade estranha ao sujeito americano. A acumulação de terras e capital, as desigualdades sociais, a falta de educação de qualidade para todos, a implantação do espírito da aceitação, são meios pelos quais a realidade alienígena foi construída. O homem nativo das Américas foi expropriado de sua essência, restando ao mesmo à sobrevivência. Mas apenas sobreviver é o suficiente?

O papel da educação na construção de uma identidade americana

Nesse contexto, quais conhecimentos devem ser valorizados? Assim, o debate sobre os conhecimentos cotidianos é inserido em cena, em contraponto aos conhecimentos formais da escola, conhecimentos que,

⁷⁸ Ubuntu é a raiz da filosofia africana.” (Ramose, 1999)

muitas vezes, não possuem ligação com o restante da vida dos estudantes. Aprende-se o que não se conhece, sobre assuntos e culturas externas à sua, por meios e métodos externos à realidade social onde o sujeito está inserido, sem considerar, nem minimamente o interesse, vontade ou sonhos do sujeito. Um “sujeito coisa”, sendo preparado para viver no mundo do amanhã. O que de fato nos leva para a escola? Isso ocorre para crescimento pessoal e preservação da cultura, ou manutenção da ordem sugerida?

A falta de sucesso no ambiente escolar causa certo estigma que seguirá o educando por ao longo de sua vida. Mas de fato, o que um momento ruim, um descuido, um sentido, uma nota ruim pode traduzir da capacidade ou de uma potencialidade em formação? A escola de fato tem trabalhado para a emancipação do cidadão ou manutenção da chamada ordem? No lema da bandeira brasileira está contida a frase *Ordem e Progresso*, ordem para quem, com qual objetivo e progresso em qual direção, com qual finalidade? O “bem estar” e união da população ou enriquecimento de uma elite agrária, latifundiária, herdeira das grandes famílias que aqui vieram para colonizar o novo mundo?

Kusch (2007a) nos propõe a mudança do paradigma dominante da modernidade, a mudança de uma lógica do ser para a lógica do estar, da essência para a permanência, do conceito para o símbolo. É de fato uma nova postura epistemológica, ou melhor, uma postura epistemológica muito antiga e renegada por centenas de anos pelo colonizador europeu. A superação da ideologia dominante exige a alteração do centro de gravidade do *status quo* que impera, pautado na ética do ter e do poder, para uma ética das relações, uma ética relacional.

O processo de colonização buscou expropriar o homem nativo americano de seus ideais, suas crenças, valores, de sua própria história, inserindo no novo mundo uma nova perspectiva de realidade, uma

teleologia alienígena ao nativo. Esse movimento de negação da cultura ameríndia foi implementado pelos próprios arrendatários de impostos⁷⁹, que viram a oportunidade de enriquecer, sobras de uma nobreza cavalheiresca sem terras que migram para as Américas em busca de fortuna e terras.

Esta história iniciou-se com os cronistas e naturalistas, viajantes que por este continente estiveram para retratar as belezas do novo mundo, mas que de fato desempenharam papel fundamental nos conhecimentos sobre geografia, flora e fauna, culturas, usos e costumes dos da terra, para uso do dominador.

O processo de pensamento desenvolvido por Rodolfo Kusch (1922-1979), nos remete a resgatarmos a permanência do estar americano, voltando-se à tradição que se manteve resistente ao longo das gerações, resistente aos ataques constantes e ao processo de extermínio advindos da chamada modernização. As artes, as canções antigas, os costumes, a forma de fiar um *sombrero*, de se relacionar com a terra e a natureza. A cultura própria dos povos andinos, dos povos existentes no Brasil pré-colonial, do verdadeiro americano que foi deixada de lado. A filosofia americana estabelece bases epistemológicas mais próximas com a filosofia africana, *ubuntu*, do que com as demais existentes. A ética relacional fora o que atribui sentido à configuração social americana. Contudo, após a invasão europeia, o ter e o poder substituíram os princípios de permanecer e estar, que significavam as populações ameríndias. O viés da posse está intrínseco ao sistema capitalista de existência, sem o qual o capitalismo não existiria.

Os conceitos de inferioridade, de país subdesenvolvido, de terceiro mundo, fizeram e fazem parte da cultura escolar dos países latino-americanos. O processo de desvalorização impetrado pelos de lá, fez parte

⁷⁹ Alusão ao método de dominação do império romano para com as províncias dominadas.

da história, mas não só da história passada, mas presente e quiçá, futura. Contra essa lógica da dominação cultural, ética e política que Kusch se rebela, contra a lógica da nomeação e da posse, direta e/ou indireta. Os livros didáticos trazem em seus conteúdos conceitos importados, valorizados pela elite intelectual e pelos mecanismos de manutenção do poder.

Afirmar que uma pessoa, cidade, país ou grupo de países é melhor ou pior baseado em sua riqueza, tem sido a lógica operante do capital na América profunda. A escola, nesse contexto, ocupa papel determinante na desconstrução da lógica da submissão imposta, da fabricação da cultura e das ideologias que expropriaram o nativo de sua verdadeira essência. Kusch diz:

La verdadera dimensión de estar no mas debe ser entendido a nivel del miedo. Se dá mucho mas adentro todavía de la vida cotidiana, cuando con motivo de algún fracaso o de una injuria, o peor aún, cuando hemos cometido un aparente mal y la sociedad nos segrega, llegamos a ese punto donde tenemos conciencia de lo “poco” que somos. (KUSCH, 1976, p. 20 / 2007b, p. 27).

A luta contra esse sistema parece-nos, como demonstrou a história, uma tarefa de Sísifo, mas resta-nos realizar o movimento inverso de, por meios das bases estabelecidas, substituímos o ter e o ser pelo estar, processo não só de resistência, passivo, mas sim, de encanamento, de luta para a transformação do que foi imposto ao homem americano como realidade. Um processo ativo que se inicia na tomada de consciência sobre a história e a partir dessa tomada de consciência, libertação da alienação, um retorno às produções verdadeiramente americanas.

A educação formal, nesse universo, ocupa papel de destaque, visto que é um dos principais meios pelos quais a cultura, a ciência e as artes são ensinadas às novas gerações. Trata-se de uma proposta de revolução paradigmática, em seu sentido epistemológico, ético e filosófico.

De uma lógica da modernidade ao retorno a uma lógica da convivência

Os princípios da lógica que movem a modernidade resgatam os fundamentos da lógica formal grega, princípios do terceiro excluído, do não contraditório e da identidade, da lógica dialética.

Valorizar o homem americano consiste em valorizar todas as esferas do pensamento verdadeiramente americano, a sabedoria chamada popular, e que aqui podemos chamar de filosofia milenar, resiliente e sobrevivente, tão forte que, mesmo sendo há séculos atacada, aviltada, negada e desmerecida, sobrevive.

Um pensamento ou escrito que produza reflexão deve, a priori, estabelecer nexos substanciais com a realidade circundante. A crítica de Kusch à elite intelectual do círculo acadêmico de seu tempo se deu, pelo menos em seu entendimento, da incapacidade de se romper com a lógica de repetição de verdades já estabelecidas, para a produção de evidências sobre verdades a se conhecer. Não foi apenas uma negação da cultura europeia, mas sim uma tomada de decisão em relação à liberdade de se pensar e filosofar sem a necessidade da validação da tradição hegemônica.

Maturana em *Ciência e Vida Cotidiana: A Ontologia das Explicações Científicas*, afirma que uma verdade científica é uma proposta validada por uma comunidade de cientistas.

A ciência, como um domínio cognitivo, não é exceção a esta forma de constituição, e eu chamo o critério de aceitabilidade, que define e constitui a ciência como domínio cognitivo e que simultaneamente constitui como cientista a pessoa que o aplica, de critério de validação das explicações científicas. (MATURANA, 2001, p. 127).

A supremacia das ciências como detentora da verdade e único meio possível para se explicar a realidade já foi debatida por inúmeros pensadores. Na obra *Um Discurso sobre a Ciência*, Boaventura de Souza Santos (2008)⁸⁰ discorre sobre a crise do paradigma dominante das ciências modernas. Segundo ele “[...] estamos a viver um período de revolução científica que se iniciou com Einstein e a mecânica quântica e não se sabe ainda quando acabará [...]” (SANTOS, 2008, p. 40).

Maturana e Boaventura nos apresentam um viés das ciências enquanto construção e portanto, passível de desconstrução. Na superação dessa realidade teatral, retomaremos o que Kusch propõe como caminho para superação desse não ser Europeu. Santos (2019) fez a seguinte proposta de pergunta para resumir o pensamento de Kusch. “Se pudéssemos resumir a pergunta principal que embasa todo o pensamento de Kusch essa seria: o que há aqui na América que não nos faz europeus?” (SANTOS, 2019, p. 75).

Para responder essa demanda, Kusch (1922-1976) retoma o debate entre os conceitos de *hedor* e *pulcritud*. O debate entre o *hedor*, conceito ligado ao lado obscuro, renegado, a periferia das cidades, se contrapõe à *pulcritud*, a parte limpa, bonita das cidades, com traços europeus. Os dois conceitos trabalhados por Kusch remetem a luta constante entre uma América renegada, expropriada, abandonada, aviltada em sua dignidade e direitos, representada pelas periferias e camadas excluídas da sociedade e

⁸⁰ A 1ª edição foi publicada em 1987 pela editora Afrontamento, no Porto – Portugal.

de uma América europeizada, elitizada, que mantém a ordem social estabelecida, em favor do **bem estar social**, pelo menos no discurso, de uma minoria da população, representada pelas elites urbanas e rurais. O *hedor* que representa a periferia é condição *sine qua non* de existência da limpeza, do pudor. Este cenário representa a ética do “**ter**” em seus primórdios mais vorazes, que considera o ser humano coisa e as pessoas meios para fins.

Segundo Santos:

A América convive então com a oposição entre o “fedor”, hedor, popular e o “pudor”, pulcritud, das classes médias e altas de origem europeia que habitam os centros urbanos. O cheiro, a cor, os hábitos não europeus são, no seu limite, expurgados do contato com a classe média que, por sua parte, sofre o ressentimento por tampouco aceder de fato ao “ser-alguém.” (SANTOS, 2019, p. 76).

Segundo Tasat e Perez (2013), em Kusch, os opostos não se superam ou se eliminam, mas convivem na contradição dos cosmos e do caos, que sempre estão aí. Portanto através da mediação integração que seria possível à construção do mundo, do homem, de sentidos, que poderiam ser traduzidos como cultura própria, tanto comum, de-colonial, americana. O colonialismo como se evidencia ganha novo rearranjo, mas não deixa de tudo, de perpetuar-se. Contra essa realidade Kusch (1922-1976) se dedicou a trabalhar em sua vida e obra.

Assim, para superar o processo de aviltamento da lógica do capital e do domínio intelectualista, Kusch irá propor uma geocultura, uma cultura localizada no tempo e no espaço. Uma proposta de pensamento que fosse condicionado pelo lugar, em suas interações culturais e sociais, “[...] un pensamiento condicionado por el lugar, o sea que hace referencia

a un contexto firmemente estruturado mediante la intersección de lo geográfico con lo cultural.” (KUSCH, 2012b, p. 75). Por este viés, esse pensador buscou evidenciar a cultura e a tradição nativa americana, dando voz a um dos espectros da cultura que ficou encoberto pelo discurso e cultura dos dominadores. Kusch (1976/2007b) denuncia em *Geocultura del Hombre Americano* um medo que o americano tem de assumir sua posição como agente da história, o que ele denominou de “medo de sermos nós mesmos”, diante da barbárie histórica, política e social ocorrida. Forjou-se um estereótipo negativo do nativo, do que fora subjugado, uma amarra produzida pelos ditames da cultura. A história dos vencidos nunca é exaltada nos livros de história, e Kusch propõe a denúncia desse movimento ideológico como forma de desnudar a cultura heterônoma, exógena ao americano. O pensador denuncia a audácia da filosofia universal de propor um pensamento des-situado, desvinculado de um lugar e um tempo, de técnicas particulares de conhecer que se propõem a explicar toda e qualquer realidade.

Considerações Finais

Kusch retoma o debate fenomenológico na distinção do ser-alguém e do estar-alguém. O europeu aqui chegou e se deparou com uma filosofia de vida e de **estar** no mundo, que foi incompatível aos interesses do invasor. Propõe a história da América do período das invasões até a atualidade como a história menor das Américas em detrimento de uma história maior, com início na pré-história e reforça a importância de resgate das heranças nativistas para o processo de decolonização. Sobre essa relação entre o ser e o estar o autor esboçou que,

[...] hay como un desgarramiento ontológico entre mi estar y el ser. Por eso descubrimos siempre que somos anteriores al ser de otros. Por eso creemos estar no más, y vemos al occidental que no está, sino que siempre es. [...] Y eso ocurre porque nos sentimos en el puro estar, y tenemos que optar por ser y convertir lo que es en un simple papel a asumir frente a la realidad, sin que seamos realmente. Por eso nuestro papel para ser aplasta nuestra posibilidad de vivir. (KUSCH, 2008, p. 99).

Vivemos uma ética em que o ser tornou-se o *modus operandi* dessa realidade e controla a superestrutura. “Os de baixo”, representado nos escritos de Kusch pelo *hedor*, das classes não abastadas, da periferia, da cultura subalterna, das ações a serem evitadas se contrapõe à *pulcritud*, limpeza ou pudor, das classes abastadas, continuadores da tradição hegemônica europeia, representantes de um ideal “des-ideal” de ser. Os sinais e manifestações dos excluídos são expurgados pelo contato com a classe média, que se ressentida por não conseguir ser alguém, segundo Kusch. Os referenciais, símbolos e signos construídos não conseguem atender as demandas e expectativas de um estar verdadeiro por pautarem-se em uma ética, uma política, uma lógica de sociedade alienígena, externa ao ser ontológico americano. A busca das origens e raízes apontada pelo pensador Argentino seria um dos caminhos possíveis para retomada das rédeas da história, retomada do lugar do cidadão verdadeiramente americano como protagonista de sua história e responsável pela sociedade em que vive. A ética do nós, o *ubuntu* da filosofia africana, seria o caminho para a construção de uma epistemologia da convivência, do estar em contraponto ao ser.

A história é sempre escrita por vencedores e nesse processo constroem-se verdades artificiais, como mecanismo de manutenção da superestrutura de dominação, inicialmente posta em prática pelo invasor

européu e continuada por seus descendentes (os cidadãos dos centros urbanos, das classes abastadas). A fábula da inferioridade bélica, do atraso científico, da inferioridade cultural foram os meios para o processo de expropriação. Foram descobertas evidências da manipulação da agricultura na planície do México de oito mil anos antes de Cristo. A base da alimentação europeia, pelo menos uma porção considerável dela advém das culturas descobertas nas Américas (milho, batata, cacau, feijão), foram levados ao restante do globo por tecnologias desenvolvidas pelos povos ameríndios, biotecnologia avançada para o período. Com os povos ameríndios foram descobertos conhecimentos em astronomia, matemática até superiores aos presentes na Europa do período. Na atualidade sabe-se que não fora a superioridade bélica que permitiu ao invasor lograr êxito na invasão, mas sim a falta de defesas naturais, de imunidade para as doenças trazidas pelos europeus.

Uma máxima do pensamento de Kusch (2007) retrata que a filosofia é o discurso de uma cultura que encontra seu sujeito. A produção filosófica, ética estética e política do sujeito verdadeiramente americano foram negadas em subserviência ao discurso hegemônico, a ética hegemônica a cultura que pertence aos sujeitos vitoriosos. Contudo, Kusch nos conclama a realizarmos o caminho inverso e desenterrarmos o pensamento negado como possibilidade de sustentação, não de uma nova ética, mas sim de uma ética já existente, e por que não dizer resistente e uma cultura verdadeiramente americana. Cabe a nós dar voz aos pensadores que realizaram essa proposta reflexiva, na contramão do discurso hegemônico.

Alguns dos escritores gregos já afirmaram a importância do todo na constituição ética e política de uma sociedade (Aristóteles). Mas a busca situada dessa condição constitui-se em condição *sine qua non* que se traduz na pós-modernidade, um instrumento, veículo de resistência e de luta por

uma identidade verdadeiramente nativo americana. Uma luta contra o ódio ao outro e seus agentes, que, ao longo da história, conseguiram inculcar, no ideário nativo, o conceito de superioridade da filosofia europeia sobre as demais, da ética do norte sobre o sul, dos ricos sobre os pobres.

Uma máxima da filosofia africana presente no pensamento de Kusch que marca sua proposta ética situada é a seguinte: os europeus diante da diferença buscam a igualdade, o nativo americano diante da diferença busca a convivência. Não há nos princípios éticos, filosóficos do nativo a necessidade de extermínio da diferença. A convivência é possível, pois juntos somos mais fortes.

Referências

ADORNO, T.; W. HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.

KUSCH, R. **Geocultura Del Hombre Americano**. Colección Estudios Latinoamericanos. Buenos Aires: Fernando Garcia Cambeiro, 1976.

CLASTRES, P. **Arqueologia da violência**: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. 325pp.

FLANNERY, K. V. **Guila Naquitz**: Archaic Foraging and Early Agriculture in Oaxaca, Mexico. Academic Press, New York, 1985.

FLANNERY, K. V. **Obras completas**. Tomo II. Rosário: Editorial Fundación Ross. Argentina. [2000], 2007a.

FLANNERY, K. V. **Obras completas**. Tomo III. Rosário: Editorial Fundación Ross. Argentina. [2000], 2007b.

FLANNERY, K. V. **Esbozo de una antropología filosófica americana**. Rosario: Fund. Ross. [1978], 2012b.

FLANNERY, K. V. **La negación en el pensamiento popular**. Buenos Aires: Las cuarenta, 2008.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Tradução de Florestan Fernandes. São Paulo: Ed. Mandacaru, 1989.

MATURANA R., H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MÉSZÁROS, I. **Estrutura social e formas de consciência II** - A dialética da estrutura e da história. São Paulo: Boitempo, 2011.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

SANTOS, B.S. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, G. A. O. Contribuição do Pensamento de Rodolfo Kusch para o Desenvolvimento de uma Psicologia Existencial Latino-Americana. **Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica** - XXV (1) - 73-82, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v25n1/v25n1a08.pdf>. Acesso em: jul. 2019.

RAMOSE, M. B. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66.

TASAT, J. A. & Pérez, J.P. **El hedor de América:** Reflexiones interdisciplinarias a 50 años de la América Profunda de Rodolfo Kusch. Buenos Aires: Centro Cultural de la Cooperación y EFUNTREF, 2013.

TODOROV, T. **A Conquista da América:** a questão do outro. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991.

